

## **“*Dos amores apaixonados*”, XI Sobre Bíblis: tradição, alusão e tradução<sup>1</sup>**

*Orlando Luiz de Araújo*

### **Introdução**

À primeira vista, as trinta e seis narrativas que constituem *Dos amores apaixonados*, de Partênio<sup>2</sup>, não têm uma unidade sequencial que nos permita perceber uma conexão entre elas, impossibilitando, assim, o leitor de empreender uma leitura em termos de unidade de composição arquitetônica da obra, pois cada história parece estruturar-se de forma completamente independente uma da outra, sem que haja qualquer relação entre elas que possa formar um todo homogêneo capaz de definir o seu tema central. Entretanto, se o conjunto da obra for analisado a partir da afirmação do seu autor na carta-prefácio que dedica ao amigo, o poeta

---

<sup>1</sup> Nosso agradecimento à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por seu apoio ao projeto «*Dos amores apaixonados*, de Partênio de Niceia: Tradução, alusão e diálogos de gêneros» (Processo Nº 99999.000773/2015-08).

<sup>2</sup> A enciclopédia *Suda* é a principal fonte biográfica para a vida de Partênio, apesar de não mencionar dados importantes como a data de nascimento do autor, limitando-se a informar apenas que ele foi capturado por Cina, quando Mitridates foi derrotado pelos romanos. Sabe-se que durante as guerras com Mitridates aumentou, significativamente, a entrada de intelectuais e de livros gregos em Roma, entre esses pode ter estado Partênio que, tendo chegado a Roma como escravo, logo é reconhecido como erudito e notável seguidor de Calímaco e de Eufóron. Desse modo, Partênio coloca-se na fronteira da cultura romana e a grega ocupando, especialmente, o papel de mediador da poesia helenística junto dos poetas latinos. Sabe-se que Partênio foi levado da Bitínia para Roma por Cina, que pode ser tanto o poeta Hélios Cina, quanto o pai desse. Dependendo de quem o tenha levado, pode-se deduzir mais ou menos a época em que Partênio chega a Roma 73 ou 66 a.C. e ali tenha feito a sua carreira literária.

latino Cornélio Galo (69-26 a.C.), podemos deduzir que se trata de uma seleção (ἄθροισιν, 1.2) de narrativas de amores apaixonados (ἔρωτικῶν παθημάτων, 1.2).

Desse modo, a escolha de Partênio não é aleatória, mas muito bem fundamentada, visto que ele delimita o escopo da sua temática – os amores apaixonados –, e se baseia em trechos ou peças literárias de autores conhecidos da tradição poética grega. As histórias de BÍBLIS, por exemplo, assim como a maioria do *corpus* parteniano, explicita sua filiação: a história de BÍBLIS se apoia na obra *Sobre Mileto*, de Aristócrito, e na *Fundação de Cauno*, de Apolônio de Rodas.

A história de BÍBLIS e Cauno tem a paixão que leva a um desfecho trágico como tema da narrativa. A paixão como causa de destruição e de aniquilamento faz parte da tradição literária grega. O “amor mortífero de Fedra”, como bem observa Calame (1996, p. 11), é paradigmático, quer pela posição que ela ocupa como esposa de Teseu, o herói fundador da cidade clássica, quer pela gratuidade do sentimento em relação a Hipólito, seu enteado. Nesse caso, o que está em jogo é a recusa. Ainda, diz-nos Calame (1996, p. 11) que Hipólito merece a morte por recusar, obstinadamente, os prazeres da maturidade do desejo amoroso ofertados por Afrodite.

A recusa ao sentimento amoroso leva aos infortúnios das personagens. Essa temática será o motor das narrativas de Partênio na seleção *Dos amores apaixonados*. Assim sendo, o autor da coletânea manterá um profícuo diálogo com a tradição citando, nominalmente, os poetas, historiadores e filósofos a que faz menção na sua obra. O diálogo com a tradição, leva Partênio a utilizar recursos intertextuais e alusivos, a fim de fornecer a seu leitor, especialmente, a Cornélio Galo, uma seleção de amores apaixonados a mais completa possível, daí optar pela forma breve de apresentação dessas narrativas.

Por essa razão, escolhemos a história de Bíblis para tentarmos mostrar de que forma Partênio manipula o material com o qual ele está dialogando e de que forma reconstrói, por meios de recursos retóricos e literários, especificamente, por meio da intertextualidade e da alusão, uma nova obra. Para ilustrar o que tentamos dizer, apresentamos o texto de *Dos amores apaixonados*, no qual contém a história de Bíblis, no original grego e sua tradução para o português.

### Do amor apaixonado de Bíblis por Cauno

ΙΑ΄ Περὶ Βυβλίδος<sup>3</sup>

Ἱστορεῖ Ἀριστόκριτος περὶ Μιλήτου καὶ Ἀπολλώνιος ὁ  
Ῥόδιος Καῦνου κτίσει

(1) Περὶ δὲ Καῦνου καὶ Βυβλίδος, τῶν Μιλήτου παίδων, διαφόρως ἰστορεῖται. Νικαίνετος μὲν γάρ φησι τὸν Καῦνον ἐρασθέντα τῆς ἀδελφῆς, ὡς οὐκ ἔληγε τοῦ πάθους, ἀπολιπεῖν τὴν οἰκίαν καὶ ὀδεύσαντα πόρρω τῆς οἰκείας χώρας πόλιν τε κτίσαι καὶ τοὺς ἀπεσκεδασμένους τότε Ἴωνας ἐνοικίσαι. (2) λέγει δὲ ἔπεισι τοῖσδε·

αὐτὰρ ὅ γε προτέρωσε κιῶν Οἰκούσιον ἄστν  
κτίσσατο, Τραγασίην δὲ Κελαινέος ἦγετο  
παῖδα  
ἧ οἱ Καῦνον ἔτικτεν ἀεὶ φιλέοντα θέμιστας·  
γείνατο δὲ ῥαδαλῆς ἐναλίγκιον ἀρκεύθοισι  
Βυβλίδα. τῆς ἦτοι ἀέκων ἠράσσατο Καῦνος.

5

<sup>3</sup> *Hellenistic Collection* (Philias. Alexander of Aetolia. Hermesianax. Euphorion. Parthenius). Loeb Classical Library. Edited and Translated by J.L. Lightfoot. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

βῆ δὲ φερένδιος φεύγων ὀφιώδεα Κύπρον  
καὶ κάπρος ὕλιγενὲς καὶ κάρια ἰρὰ λοετρά

ἔνθ' ἦτοι πτολίεθρον ἐδείματο πρῶτος Ἴωνων.  
αὐτὴ δὲ γνωτὴ ὀλολυγόνος οἶτον ἔχουσα  
Βυβλὶς ἀποπρὸ πυλῶν Καῦνου ὠδύρατο νόστον. 10

(3) οἱ δὲ πλείους τὴν Βυβλίδα φασὶν ἐρασθεῖσαν τοῦ Καῦνου λόγους αὐτῷ προσφέρειν καὶ δεῖσθαι μὴ περιῖδειν αὐτὴν εἰς πᾶν κακὸν προελθοῦσαν. ἀποστυγῆσαντα δὲ οὕτως τὸν Καῦνον περαιωθῆναι εἰς τὴν τότε ὑπὸ Λελέγων κατεχομένην γῆν, ἔνθα κρήνη Ἐχενηΐς, πόλιν τε κτίσαι τὴν ἀπ' αὐτοῦ κληθεῖσαν Καῦνον. τὴν δὲ ἄρα ὑπὸ τοῦ πάθους μὴ ἀνιεμένην, πρὸς δὲ καὶ δοκοῦσαν αἰτίαν γεγονένα Καῦνῳ τῆς ἀπαλλαγῆς, ἀναψαμένην ἀπὸ τινος δρυὸς τὴν μίτραν ἐνεθῆναι τὸν τράχηλον. (4) λέγεται δὲ καὶ παρ' ἡμῖν οὕτως·

ἢ δ' ὅτε δὴ <ρ' > ὀλοοῖο κασιγνήτου νόον ἔγνω,  
κλαῖεν ἀ<η>δονίδων θαμινώτερον, αἶ τ' ἐνὶ  
βήσσης  
Σιθονίῳ κούρῳ πέρι μυρίον αἰάζουσιν.  
καὶ ῥα κατὰ στυφελοῖο σαρωνίδος αὐτίκα μίτραν  
ἀψαμένην δειρὴν ἐνεθήκατο· ται δ' ἐπ' ἐκείνη 5  
βεύδεα παρθενικαὶ Μιλησίδες ἐρρήξαντο.

φασὶ δὲ τινες καὶ ἀπὸ τῶν δακρύων κρήνην ρύηναι αἰδίων τὴν καλουμένην Βυβλίδα.

## XI Sobre B́blis

Arist́ocrito<sup>4</sup> conta a hist́oria no livro *Sobre Mileto*,  
e Apoĺonio de Rodas<sup>5</sup>, no *Fundação de Cauno*

(1) Sobre Cauno e B́blis, os filhos de Mileto, conta-se uma hist́oria diferente. Com efeito, Nićeneto afirma que Cauno, estando apaixonado pela irmã a tal ponto de nã poder controlar sua paixã, deixou sua casa e, partindo para muito longe da terra natal, fundou uma cidade, estabelecendo, ali, os jônios que atê entã viviam dispersos. (2) E o poeta nos diz isso nos seguintes versos:

E ele<sup>6</sup>, indo para bem longe, funda a cidade  
ecusiana, e desposa Tragasia, a filha  
de Celeneu,  
com quem gera Cauno, sempre amante da lei,  
e concebe, símile aos frutos do róseo zimbro,  
B́blis, por quem Cauno se apaixonou contra sua vontade. 5

Partiu<sup>7</sup> ao meio-dia, fugindo para a serpentífera Chipre,  
depois para a arborizada Capro, e a Cária de sacras torrentes.

Nesse lugar aí, foi o primeiro dos jônios a edificar a cidade.  
Mas B́blis, a irmã infortunada, dando gritos de dor,  
diante das portas, lamenta-se de saudade de Cauno. 10

(3) No entanto, a maioria afirma que B́blis, apaixonada por Cauno, declarou-se a ele, pedindo-lhe que nã a deixasse prosseguir

---

<sup>4</sup> Historiador mitoĺogico de Mileto, pode ser comparado como um seguidor, em prosa, dos poetas alexandrinos.

<sup>5</sup> Poeta épico, escreveu os *Argonautas*, mas da obra referida por Partênio nada chegou atê nós.

<sup>6</sup> Trata-se de Mileto, o fundador da cidade.

<sup>7</sup> Trata-se de Cauno.

nessa loucura. E assim, para evitar que algo mais terrível acontecesse, Cauno partiu para a terra habitada pelos Léleges, onde há a fonte Equénia e, ali, fundou a cidade chamada de Cauno em sua homenagem. E a moça<sup>8</sup>, por ainda não estar curada da paixão e por achar que o exílio de Cauno era culpa sua, amarrando a faixa do vestido num carvalho, enrola-a em volta do pescoço. (4) E eu, também, conto a história da seguinte forma:

E quando, então, ela<sup>9</sup> soube o que o irmão pretendia fazer,  
chorou muito mais do que os rouxinóis que, num vale  
profundo,  
o jovem sitônio lamentam mil vezes.  
Então, pegando seu cinto, amarrou-o bem firme num  
carvalho  
e enlaçou-o no pescoço; e por ela as virgens milésias 5  
rasgam as suas vestes.

Alguns também dizem que das suas lágrimas jorra, incessantemente, uma fonte chamada BÍBLIS.

A paixão de BÍBLIS por Cauno tornou-se célebre na literatura do ocidente por meio de Ovídio (*Metamorfoses*,<sup>10</sup> IX 452-455<sup>11</sup>,

---

<sup>8</sup> Trata-se de BÍBLIS.

<sup>9</sup> Trata-se de BÍBLIS.

<sup>10</sup> As traduções, aqui, apresentadas são as da edição OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

<sup>11</sup> Referindo-se a Mileto, quando esse conheceu Ciãnee, a filha do Meandro, diz-nos Ovídio que ela “Deu à luz dois gêmeos, / BÍBLIS e Cauno, dois jovens de uma beleza extraordinária. / BÍBLIS é aviso para as moças: não amem o que é interdito, / pois BÍBLIS foi tomada de desejo pelo irmão, neto de Apolo.”

467<sup>12</sup>, 532-534<sup>13</sup>, 580-582<sup>14</sup>, 635-637<sup>15</sup>, 641-644<sup>16</sup>, 649-651<sup>17</sup>, 655-658<sup>18</sup> e 659-665<sup>19</sup>). No entanto, a história do amor apaixonado dos irmãos já era conhecida bem antes do autor latino, possuindo uma longa tradição que remonta, pelo menos, ao mito de fundação de importantes cidades no mundo grego. O mito de B́iblis e Cauno tem relação com o mito fundador da cidade de Mileto na Ásia menor. Segundo uma versão, Mileto, o herói epônimo da cidade, teve que fugir no meio da noite, temendo que Minos o violentasse, devido a sua beleza. Na fuga, chegou à Cária, onde fundou Mileto.

Partênio parece aproveitar o t́opico da fuga, para compor a narrativa do amor de B́iblis, provavelmente, motivado pela posição que Mileto ocupava no peŕodo helenístico, quando estabeleceu contratos com um grande ńumero de outras cidades; entretanto, ele subverte a história, oferecendo novo tratamento ao

---

<sup>12</sup> Sobre as investidas de B́iblis contra o irmão, Ovídio as descreve da seguinte forma: “Já lhe chama seu senhor, já odeia os nomes de parentesco, / já prefere que ele a trate por B́iblis em vez de irmã.”

<sup>13</sup> Ovídio anuncia a audácia da moça: “E se queres saber o que desejo, prouvera que a minha causa / pudesse ser defendida sem o meu nome e que não soubesses / que sou B́iblis, até a esperança dos meus votos estar segura.”

<sup>14</sup> “Este foge espavorido e vai contar à senhora as palavras / iradas de Cauno. Empalideces, B́iblis, ao ouvir a rejeição, / e o teu corpo fica em pânico, tomado por um frio glacial.”

<sup>15</sup> Então sim, dizem que a desolada filha de Mileto perde / totalmente a razão; então sim, arranca as vestes do peito / e, fora de si de fúria, massacrrou os próprios braços.”

<sup>16</sup> Ovídio compara B́iblis a um bacante: “E tal como as Bacantes do Ísmaro, pelo teu tirso / aguilhoadas, ó filho de Sémele, celebram tua festa bienal, / assim viram B́iblis as mulheres de B́ubaso, aos guinchos / pelos extensos campos.”

<sup>17</sup> E diante da desesperança e da fuga, e cansada de buscar um lugar onde pudesse repousar, B́iblis começa a fenecer: “Já não havia mais bosques, quando, exausta pela busca, / caís no chão, B́iblis, e ficas deitada, os cabelos espalhados / sobre o duro solo, o rosto premindo as folhas mortas.”

<sup>18</sup> Aconselhada pelas ninfas dos Léleges, “B́iblis jaz em silêncio. Nas unhas agarra em verdes ervas / e humedece as plantas com uma corrente de lágrimas. / Dizem que por baixo deste regato as Náíades colocaram / um canal para que jamais secasse.”

<sup>19</sup> Por fim, Ovídio diz como B́iblis se metamorfoseou em fonte: “De imediato, tal como as gotas de resina do corte na casca, / ou como brota o pegajoso betume da terra prenhe, / ou como, com a doce chegada do sopro do Favónio, / amolece sob o sol a água que congelara com o frio, / assim B́iblis, a neta de Febo, se consome em lágrimas / e se transforma em fonte. E ainda hoje, naqueles vales, / tem o nome da sua dona e jorra sob uma azinheira negra.”

mito, com o propósito de contar não a história da fundação de uma cidade, mas a causa, o αἴτιον, do sofrimento de BÍBLIS. Para o autor, que deseja recolher material com a finalidade de compor elegias, é, sem dúvida, interessante mencionar as fontes literárias das quais extraiu a história, porém o faz apenas com o intuito de balizar seu trabalho, recorrendo à autoridade, no caso Aristócrito e Apolônio de Rodes, como deixa claro bem antes de iniciar a narrativa. Ele não pretende rejeitar ou reafirmar sua fonte, uma vez que o essencial não é a fundação de Cauno ou a de Mileto – tema dos trabalhos de Apolônio de Rodes e de Aristócrito, respectivamente, mas procurar a causa do amor de BÍBLIS pelo irmão. Com efeito, a descrição que Aristócrito faz de Mileto como um filho de Apolo que foge, temendo o ciúme de Minos, e a da fundação de uma cidade na CÁRIA<sup>20</sup> serve de motor para que Partênio introduza o tema do exílio como a origem dos infortúnios de BÍBLIS e, conseqüentemente, sua metamorfose em rio.

Além das duas fontes citadas, diretamente, Partênio reconhece que a história de BÍBLIS é contada de diversas formas, referindo-se não apenas aos já citados autores, mas também a Nicêneto que também escreveu acerca dos amores de BÍBLIS e parece ter voltado sua atenção muito mais para o mito da fundação de Cauno – parecendo aproximar-se bem mais da narrativa de Apolônio de Rodes que da de Aristócrito.

Nos versos de Nicêneto, o autor descreve Mileto, proposital e rapidamente, como o fundador da cidade de Ecúsia, esposo de Tragasia e pai de Cauno e BÍBLIS, para introduzir o que realmente parece ter importância para a composição da narrativa: apresentar as personagens de Cauno e BÍBLIS. Ambos representados como modelos de justiça e de beleza, Cauno como o amante da justiça (φιλέοντα θέμιστας, v.3), enquanto BÍBLIS é comparada à beleza

---

<sup>20</sup> Cf. PATTERSON, L. E. *Kinship Myth in Ancient Greece*. Austin: University of Texas, Press, 2010, p. 142.

dos frutos do róseo zimbro (ῥαδαλῆς ἀρκεύθουσι, v.4). Logo após anunciar a virtude de cada um dos irmãos, Nicêneto alude à condição trágica a que Cauno é imposto: apaixonar-se contra sua vontade pela própria irmã.

Os versos seguintes focalizam a figura de Cauno e retomam o *tópos* da fuga/exílio, tratando da sua partida, por não conseguir dominar o sentimento que nutre pela irmã. Não há uma narração detalhada das vicissitudes que o herói sofrerá, todavia os epítetos relacionados à Chipre, a Capro e à Cária fornecem material suficiente para que seja possível antever o périplo do herói.

Enquanto Cauno foge ao meio-dia, para evitar a paixão que o domina, num ato de bravura e justiça, BÍblis se lamenta, diante das portas da casa, sentindo-se responsável pelo exílio do irmão. À versão de Nicêneto, diz-nos Partênio, há uma maioria que se lhe contrapõe, ao afirmar que BÍblis é quem se apaixona pelo irmão. Nessa variante, a única novidade diz respeito ao sujeito da paixão, já que Cauno deve, também, fugir da irmã, para que o sentimento se arrefeça.

Partênio parece estar de acordo com a opinião da maioria, visto que a história que ele apresenta em seu nome guarda muitos pontos de contato com a versão apresentada pela maioria, especialmente, com a maneira cruel com que BÍblis termina sua vida. Torna-se relevante o fato de apresentar sua própria versão da narrativa em diálogo direto tanto com os autores nominalmente citados, quanto com aqueles mencionados de forma coletiva. O recurso utilizado por Partênio nos permite ter acesso a fontes literárias do período helenístico que, muitas vezes, decorrem de outro ciclo mítico que não seja o da tradição que vem desde Homero.

A versão da história de BÍblis e Cauno, contada por Partênio, é objeto de retextualização. Quando Partênio explicita na carta-prefácio a sua intenção de coligar excertos de obras poéticas, ele está, claramente, em comunicação com a tradição, ao mesmo

tempo que está reprocessando os textos com os quais está dialogando. As fontes literárias a que Partênio se alia estão (para) textualmente inseridas na obra como uma informação a mais para o leitor, a fim de que possa lhe oferecer, talvez, uma chave de leitura, ainda que nos pareça, muitas vezes, que o autor de *Dos amores apaixonados* esteja emulando com a tradição.

Na maioria das historietas, os nomes da obra e do autor donde o fragmento foi extraído estão referenciados. Contudo, isso não é suficiente para identificarmos, com exatidão, a fonte real de onde a referência foi retirada, já que, muitas vezes, a informação é genérica. Ora, se o texto *Dos amores apaixonados* for visto no seu contexto de produção, com o objetivo de ser uma antologia de temática amorosa, dedicada a um poeta elegíaco, para que esse possa reprocessar a coleção, podemos encontrar em categorias como alusão e intertextualidade mecanismos que nos permitam, pelo menos a grosso modo, encontrar procedimentos utilizados pelo autor que sejam eficientes para uma interpretação da coletânea. Nesse sentido, os conceitos de alusão e intertextualidade afiguram-se como recursos que dão a cada uma das historietas um caráter unitário e independente enquanto tecido textual. Cejudo (2013, p.248-249) chama a atenção para alguns procedimentos empregados por Partênio, por exemplo, a citação literal de um fragmento da fonte poética que transmite a mesma história.

Para a teoria da intertextualidade, consoante Still & Worton (1990, p.1), um escritor é também um leitor, antes de ser um criador de textos. Se partirmos dessa observação, inevitavelmente, temos que considerar a obra literária como um produto das referências, citações e influências de toda espécie. No caso da história de BÍblis, Partênio explicita a fonte na qual se baseou: *Sobre Mileto* e a *Fundação de Cauno*. Contudo, a informação que nos dá Partênio pode ser interpretada como um recurso estilístico, a fim de melhor adornar sua narrativa. Note-se que Partênio cita as fontes dos excertos com o intuito de tornar evidente para

seu leitor especializado – Cornélio Galo –, sua habilidade e seu conhecimento com os textos do passado, além de inserir sua obra no contexto da produção literária recente ora em voga.

Além da referência bibliográfica, Partênio faz a citação direta dos poetas, apropriando-se dos versos de Nicêneto ao transcrevê-los:

E ele, indo para bem longe, funda a cidade  
ecusiana, e desposa Tragasia, a filha  
de Celeneu,  
com quem gera Cauno, sempre amante da lei,  
e concebe, símile aos frutos do róseo zimbro,  
Bíblis, por quem Cauno se apaixonou contra sua vontade. 5

Partiu ao meio-dia, fugindo para a serpentina Chipre,  
depois para a arborizada Capro, e a Cária de sacras torrentes.

Nesse lugar aí, foi o primeiro dos jônios a edificar a cidade.  
Mas Bíblis, a irmã infornada, dando gritos de dor,  
diante das portas, lamenta-se de saudade de Cauno. 10

Ao intitular a 11ª história de *Dos amores apaixonados* como *Sobre Bíblis*, Partênio não desconhece a tradição, ele a reafirma, construindo, a partir dela, uma nova versão, um novo texto. E como faz questão de deixar claro, ele dialogará com os autores que lhe antecederam, para que seja possível (re)pensar novos temas, por isso fará a coletânea para que o amigo e poeta Galo possa fazer, a partir daí, suas elegias. Em relação à história de Bíblis e Cauno, destacamos a paixão e, conseqüentemente, o exílio que decorre dela.

Aqui, entra em cena uma nova categoria que, muitas vezes, confunde-se com a própria intertextualidade, trata-se da noção de alusão. Tomamos de empréstimo a definição do *The Oxford Dictionary of Allusions*, editado por Andrew Delahunty, Sheila Dignen e Penny Stock, que define alusão como a menção a que se faz a um nome de uma pessoa real, de um evento histórico ou

de um personagem literário, cuja referência não se faz por meio direto. Assim sendo, podemos encontrar, no texto de Partênio, além das referências diretas aos nomes dos autores nos quais sua obra está calcada, aspectos alusivos que podem escapar à primeira leitura, mas que são relevantes para a composição arquitetônica da obra.

Partênio alude ao verso de Nicêneto no qual o poeta afirma que Cauno estava apaixonado contra a sua vontade. O verso serve muito bem ao propósito da coletânea de Partênio, visto que esse se dedica a juntar fragmentos acerca do amor apaixonado. Apesar da citação direta a Nicêneto, não significa que ele tenha sido o único poeta a ter essa percepção, visto que outros poetas mais antigos também se serviram de tal recurso, por exemplo, Eurípides, como já mencionamos acima, e a paixão de Fedra contra sua própria vontade. Ao utilizar o exemplo de Nicêneto (... τῆς ἦτοι ἀέκων ἠράσσατο Καῦνος v.5), Partênio escolhe um modelo – o verso mais curto, como apreciado à época helenística –, e um recurso intertextual – numa referência nominal direta –; todavia, do ponto de vista mais amplo, alarga o sentido do verso, optando por uma alusão indireta e pelo diálogo com a tradição por meio do *tópos* literário do amor apaixonado sem correspondência.

Outros dois *tópoi* presentes na obra de Partênio é o da fuga e do lamento incessante. Em relação à fuga, o amante deve fugir, para evitar concretizar o amor espúrio, geralmente, por um parente, como é o caso de Cauno por Bóblis e, pondo-se em fuga (φεύγων v. 6), tornar-se-á um fundador de cidades, como nos exemplos que se multiplicam nas narrativas míticas, cuja história de Cadmo é o modelo paradigmático. Quanto ao tema do lamento incessante (Βυβλὶς ἀποπρὸ πυλῶν Καύνου ὠδύρατο νόστον,

v. 10), nós o encontramos na *Odisseia* (19.518-523)<sup>21</sup>, de Homero, e no *Agamêmnon* (1142-1145)<sup>22</sup>, de Êsquilo.

Esses processos alusivos permitem que Partênio construa uma atmosfera ascendente que culmina na elaboração da sua própria versão da história de Cauno e BÍblis. Após ter promovido a tradição por meio de citações, referências e alusões; após ter aplaidado o terreno e tê-lo semeado, a colheita será o resultado desse processo que começa por anunciar as diferentes histórias sobre BÍblis e Cauno e termina por apresentar sua própria versão dos fatos. Nos sete versos que Partênio atribui a si mesmo, ele resume, bem ao gosto do poeta Calímaco, que estimava a narrativa curta e o poema limado, a história contada pela tradição e, numa única palavra, distancia-se dos seus antecessores. Assim como na tradição, a BÍblis de Partênio lamenta seu irmão, amarra as vestes da cinta num carvalho, mas apenas a BÍblis de Partênio é excessiva na sua paixão, visto que chora muito mais do que os rouxinóis que lamentam incomensuravelmente o jovem sitônio.

---

<sup>21</sup> “Como quando a filha de Pandareu, a filomela do verde, / com graça canta ao postar-se, recente, a primavera, / sentada entre as folhas copiosas das árvores, / ela que, amiúde modulando, verte som bem ecoante, / deplorando o filho, o caro Ítilo, que um dia, com bronze, / matou por engano, o filho do rei Zeto (...)”. Tradução de Christian Werner.

<sup>22</sup> “Sófrego de lamúria miserando / a prantear com “Ítis”, “Ítis”, / a sorte dobrada de males”. Tradução de Jaa Torrano.

## REFERÊNCIAS

CALAME, Claude. *L'Eros dans la Grèce Antique*. Paris: Éditions Belin, 1996.

CEJUDO, Rafael J. Gallé. La Prosificación Poética en los *Amores Apasionados* de Partenio: El Ejemplo de la Canción y la Maldición, *Les Études Classiques* 81 (2013), p. 247-275.

DELAHUNTY, Andrew; DIGNEN, Sheila; STOCK, Penny. *Oxford Dictionary of Allusions*. Oxford: University Press, 2001.

ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.

HELLENISTIC COLLECTION. (Philitas. Alexander of Aetolia. Hermesianax. Euphorion. Parthenius). Loeb Classical Library. Edited and translated by J.L. Lightfoot. Harvard: University Press, 2009.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

PATTERSON, L. E. *Kinship Myth in Ancient Greece*. Austin: University of Texas, Press, 2010.

STILL, Judith & WORTON, Michael. Introduction. In. *Intertextuality: Theories and Practices*. Manchester: University Press, 1990.